



NEOCLASSICISMO COMO REGISTRO POÉTICO E NÃO COMO CURIOSIDADE

CENTURIÓN, Pedro Guagliano (PUC-SP)¹

RESUMO: O seguinte artigo visa traçar, dentro da visão de Antônio Candido, a importância social e histórica do movimento do Arcadismo (Neoclassicismo) como momento importante de redes de contato entre a Colônia e a Europa que resultariam em uma autoconsciência dos colonos como homens e poetas equiparáveis aos da metrópole. Para tanto, irá se utilizar e cruzar informações sobre a definição de Classicismo, Neoclassicismo e Arcadismo extraídas de estudos sobre as classificações históricas destes movimentos e tentando traçar as origens de fato da nossa poesia do século XVIII. Além destas referências o texto terá como objetivo mostrar as relações contextuais que definem os movimentos poéticos derivados do Classicismo e como as manifestações poéticas, em especial o Arcadismo, europeias são diferentes entre si. Tomaremos como base o princípio de que qualquer movimento poético é contextual e único tendo manifestações e consequências diferentes nos lugares onde ele se manifesta. A vertente brasileira será o foco do artigo e a sua importância histórica para a definição da literatura brasileira como sistema literário e estético engajado em questões humanas e políticas. Tentaremos demonstrar que até certo ponto a poesia colonial dos Neoclássicos tinha uma certa identidade postulada por uma busca estética e não apenas como valor documental de registro histórico de um século, mas historiográfico e literário.

PALAVRAS-CHAVE: Neoclassicismo, historiografia, arcadismo.

ABSTRACT: The following article aims to relate, according to Antonio Candido's point of view, the historic importance that the Arcadism (Neoclassicism) movement as an important turn point based on the social and cultural contact between the colony and Europe, which would lead to a self-conscience of the colonist as men and poets in equal value as the settlers. In order to do that we will cross information concerning the definition of Classicism, Neoclassicism and Arcadism taken from studies related to historical classification of aesthetics movements on literature. We will try to trace back the origins of the real influence of our poetry in the 18th century. In addition to these references, this essay will aim to show the contextual relations that define the poetic movements, in particular the Arcadism that originated from the French Classicism and how the poetic manifestations from Europe are different from each other. We will take as our basis the principle that states each poetic movement is different on diverse contexts and has different consequences on the places they appear. The Brazilian branch of the Neoclassicism is the focus of this article. This article will explore the historical role of this movement and its importance on

defining the Brazilian literature as a system engaged on human and political questions. We will try to demonstrate to what extent the colonial poetry from the neoclassicists postulates certain identity originated from a poetical an aesthetic and not restricted to its historical value as a document as a register from that century, but as something important for the literary history and as literature.

KEYWORDS: Neoclassicism, Arcadism, literature, history.

Um dos grandes entraves ao se estudar o período do Classicismo em terras brasileiras é a intersecção e diluição de influências que ocupam o espaço teórico e analítico desta escola. O primeiro entrave propriamente dito é considerarmos que este período é o primeiro de real contato e trocas culturais do Brasil com o resto do mundo na parte estética. O Classicismo como escola nasceu na época do Renascimento para ser retomado no século XVIII sob a bandeira do Neoclassicismo. Contudo, se o ambiente Europeu era muito diverso em questões culturais as suas influências e derivações não foram menos complexas das que existiam no Brasil.

Para traçar um paralelo entre os dois cenários seria preciso primeiro resgatar a fonte que irradiou o Classicismo, a Europa. A pesar de a França ser o centro irradiador da cultura classicizante tomaremos como base as teses de Alfredo Bosi (1999) e Antônio Candido (2004) de que, de fato, apesar da estética clássica ser de origem francesa alguns dos seus reflexos, em especial àquele concernente a outras escolas contemporâneas, são reflexo de outras influencias europeias.

O aspecto mais importante ao considerarmos o Classicismo como base estética é sua referência às obras ou temas da mitologia clássica. Este aspecto, por mais tênue, responde a várias demandas do quadro temático. Contudo, conforme vários teóricos aquilo que dá base ao termo é sua referência aos princípios poéticos clássicos, em especial aqueles formulados em a Arte Poética de Aristóteles.

No artigo "O classicismo na literatura europeia" de Aguinaldo José Gonçalves (2012) é bem expresso esta correlação entre teoria e prática do primeiro modelo de Classicismo europeu. Aponta-se que, sobretudo, no "Renascimento italiano, (...) com a revalorização da obra de Aristóteles, que, depois de tantos séculos mantida no esquecimento, voltou com intensidade, traduzido e interpretado (...) ocorrendo, assim, um regresso parcial, na intenção dos quincentistas, à cultura greco-latina. " (JOSÉ GONÇALVES, 2012, p.116).

Conforme o mesmo estudo o Classicismo pode ser tomado como um complexo de formas que atingem os mais determinados gêneros em busca de uma perfeição formal. Podemos ainda complementar a definição histórica e literária das bases estéticas do Classicismo, sem muita chance de erro, como uma retomada de

certos preceitos estéticos de “certa fase da arte grega e a tomam como padrão. “ (ROSENFELD; GUINSBURG, 2008, p.262).

A conclusão parece óbvia, portanto. Com base nestes princípios estéticos, derivando das considerações e reinterpretações da obra de Aristóteles, toma forma e se impõe o denominado Classicismo. Conforme a maioria das explicações o racionalismo filosófico é o que dá embasamento à maioria das produções artístico-literárias, contudo, é bom lembrar que este quadro eminentemente francês não se aplica ao Brasil e certas partes da Europa cujo contexto era diverso daquele da França do século XVII.

Se há uma escola cuja a circunstancialidade pode ser colocada como elemento crucial para a sua caracterização é o Classicismo. As variações de contexto ficam mais evidentes quanto mais distantes do centro irradiador desta cultura e estética. Nas palavras de Aguinaldo José Gonçalves, que corrobora com esta visão em seu artigo, ela é um “entrelaçamento de determinantes históricas, políticas e sociais. “ (2012, p.116).

O problema da definição daquilo que constitui a escola clássica brasileira está bem expresso em **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (2014)**. O século XVIII, no Brasil, é marcado por uma intersecção de gostos e estilos: O Neoclassicismo, a Ilustração e o Arcadismo. Sendo estas três correntes de “gosto e pensamento” concomitantes elas se “misturam e embora predomine uma, ora outra (...) é sua reunião que caracteriza o período. “ (CANDIDO, 2014 p.43).

Esta problemática reaparece em Afrânio Coutinho que classifica a corrente do Neoclassicismo e do Arcadismo como movimentos dentro da cultura Barroca que se contrapõe aos excessos do Rococó e sua linguagem extremamente rebuscada. Segundo o mesmo autor o século XVIII, no qual estão inseridos o Neoclassicismo e o Arcadismo, é caracterizado por uma encruzilhada de correntes espirituais e estéticas que se chocam e se misturam desaparecendo uma nas outras. (COUTINHO, 2007, p.121).

Apesar de as duas visões sobre o fenômeno estético se entrelaçarem quanto ao aspecto de diversidade de influências as conclusões tomadas por cada um diferem quanto ao valor e caracterização da poesia do mesmo período. O primeiro entende a poesia do século XVIII no Brasil como uma expressão autêntica do Classicismo. A razão dada para isso é de que há grande esforço em “redefinir a imitação direto dos gregos e dos romanos” tentando por meio deste esforço reestabelecer vários padrões do período clássico. (CANDIDO, 2014, p.43).

Enquanto Afrânio Coutinho (2007) toma como base o enciclopedismo e a ilustração em sentido ideológico como a base para definir o verdadeiro valor de Neoclássico e nega sumariamente este aspecto dizendo que o século XVIII está

atravessado por tendências contraditórias, portanto, é impossível, por este critério, que exista um estilo Neoclássico puro. Se isto é insuficiente ajuda resgatarmos que ele diz que a corrente classicizante foi inaugurada no Renascimento, porém, interrompida no século XVII pelo Barroco.

Estes fatores apontam para vários problemas de ordem social, histórica e ideológica que atravessam a vertente brasileira do Neoclassicismo. Contudo, podemos afirmar que os mesmos problemas de definição e adaptação e modificação do Neoclassicismo se expressam na Europa em termos de data de aparição destas manifestações artísticas tardando a aparecer em certos locais. (JOSÉ GONÇALVES, 2012).

Consultando o capítulo de duas histórias literárias do Brasil fica logo evidente o caminho a ser traçado pela influência do Neoclassicismo europeu. Em **História concisa da literatura brasileira (Cultrix, 1999)** e **A literatura brasileira através dos textos (Cultrix, 2007)** o período que seria destinado ao Neoclassicismo aparece, respectivamente, com tais títulos: Arcádia e ilustração e Arcádia.

Esta denominação, embora fortuita, tem seu respaldo em um texto de Antônio Candido publicado posteriormente no livro **Vários Escritos (2004)** sob o título "Os Ultramarinos". Este artigo é de especial importância, pois define-se pela primeira vez um norte claro para qual parte da Europa o nosso Neoclassicismo estava voltado. Especula-se por meio de documentos a precedência da escola italiana à portuguesa em questão de influência que teria permitido a penetração de ideias ilustradas no nosso Neoclassicismo. Deixemos, porém, que o texto de Antônio Candido nos desça alguma luz sobre este suposto documento:

Examinando o documento, verifiquei (imagine-se o meu alvoroço) que se tratava de algo mais importante, pois uma nota marginal diz: "Per la Fondazione della Colonia Oltremarina". (...) E supor que, tratando-se de formar um grupo, devem ter sido indicados outros membros ao mesmo tempo além de Seixas, como Euriste Fenício, Ninfejo Calístide e Glauceste Satúrnio (...) este último nas Obras (1768), declinava a condição de árcade antes da inauguração oficial do ramo brasileiro. Mais tarde Basílio da Gama deve ter promovido a indicação do amigo Silva Alvarenga, que pelo menos a partir de 1774 declarava nos escritos publicados 'na Arcádia Ultramarina Alcino Palminero'. (CANDIDO, 2004, p. 157).

A hipótese formulada a partir da nota do documento descoberto tem como base nas notas inscritas em italiano que mencionam o nome Arcádia Ultramarina em arquivos da Arcádia Italiana. O adjetivo "marginal" serve bem à exatidão de como essa informação escapou a muitos pesquisadores sendo este documento utilizado

para formular esta ligação entre as duas escolas.

Esta declaração seria minimamente controvertida sem este documento, já que passara por certa polêmica sendo negada por eminentes pesquisadores. Seria interessante lembrar que a concepção de escola mineira associada à Arcádia Ultramarina vem desde Silvio Romero. Entretanto, a origem desta “polêmica” vem de um livro de 1931 de Caio Mello Franco intitulado *O inconfidente Claudio Manuel da Costa – O parnaso obsequioso e “As Cartas Chilenas”*.

Entre os textos inéditos publicados neste livro Claudio Manuel da Costa se declara “criado pela Arcádia Romana Vice Custóde da Colônia Ultramarina com o nome de Galuceste Saturnio”. Ainda neste texto, tomando como referência o texto de Antônio Candido (2004), o texto “inédito” do *Inconfidente* tem origem em um discurso dirigido ao Conde de Valadares. As conclusões tiradas dele são a favor da sucursal americana. Contudo, tomando-se em consideração a procedência deste excerto Cláudio poderia ter anunciado o discurso como um mero ato acadêmico ou evento (grêmio).

Porém, é por meio da análise de escritos de Sérgio Buarque de Holanda que se encontra o primeiro indício da existência de uma Arcádia Ultramarina. As conclusões do historiador, às quais a descoberta de José Mindlim dá contraponto, dizem que há provas de que apenas Basílio da Gama teria seu nome registrado em meio aos Arcades Romanos. Há, por mais paradoxo que soe, o gérmen da teoria de que as raízes do nosso movimento neoclássico estejam ligadas à escola italiana.

A associação da escola italiana à vertente brasileira do que se chama de Arcadismo é proposta por Alfredo Bosi de maneira bastante contundente: “ Insisto nas fontes italianas da Arcádia, porque são elas que ressaltam o papel da fantasia e do prazer no tecido da obra poética. ” (BOSI, 1999, p.56). Fica demonstrado que a repercussão do Arcadismo como uma denominação dada à poesia do século XVIII no Brasil e, também, que existem elementos composicionais derivados deste ramo na poesia neoclássica brasileira.

O mais importante, contudo, é a sugestão de que apesar das influencias ilustradas o que mais caracterizava o nosso Arcadismo era o estilo musical. Deriva deste aspecto da nossa poesia a caracterização do que seria o Arcadismo enquanto movimento poético de contraposição ao Cultismo. O Arcadismo, similarmente ao Classicismo, busca o natural e o simples, porém, utiliza-se de esquema rítmicos mais gratiosos traduzidos por uma forma específica em detrimento da beleza. (BOSI, 1999, p.56).

Fundamentalmente esta parte difere da concepção de CANDIDO (2014) que compara e categoriza o estilo do Neoclassicismo como algo chão e sem os voos

de imaginação característicos do Romantismo. Como uma vertente ou ramo da poesia do século XVIII, o Arcadismo segue regras de composição, assim como o Neoclassicismo, elas estão mais ou menos definidas por certos preceitos.

A grande diferença é que a maioria das regras quanto ao Neoclassicismo “puro” são referentes aos gêneros tradicionais e a lógica (verossimilhança). O estilo neoclássico é muito pouco propenso aos voos (rasos) de poesia. Apesar de seu julgamento com relação à qualidade imaginativa do neoclassicismo, em comparação com o romantismo, ser duro é Antônio Candido que sugere e sustenta o movimento arcádico como algo importante dentro da historiografia brasileira.

Muito se diz e se se retoma esta tese expressa em sua maior obra, contudo, sem a mesma habilidade crítica do autor original que a formulou. Em geral, por conta da quantidade de poetas medíocres do período, se sustenta que os poemas ou os autores deste período, devam ser estudados mais como documentos históricos do que como poesia por seu valor estético relativo.

Categoriza-se a poesia como documento histórico ao invés de manifestação poética e artística. Em parte se isso se mostra procedente é o mesmo Antônio Candido que apresenta leituras relevantes de muitos dos poetas da época e propõe uma leitura do Arcadismo/Neoclassicismo que se torna tão difundida em nosso meio. A maioria das histórias literárias não considera a importância social dos movimentos e o Arcadismo ou Neoclassicismo é o primeiro movimento literário da nossa literatura que teve repercussões sociais claras na definição de um público, mesmo que restrito.

Diferentemente do Academicismo o movimento arcádico não é uma mera transição sem nenhum poeta de repercussão ou calibre que o represente. Embora sustente grêmios, academias ou comemorações na colônia mesmo após o fim do academicismo e a instalação de um movimento de ruptura que caracterizou o nosso Arcadismo segundo CANDIDO (2014). O aspecto distintivo da tese de Antônio Candido é considerar o impacto social dentro da colônia do que se convencionou chamar escola mineira.

Um dos elementos mais importantes é a proximidade da escola com os movimentos de insurgência sendo muitos de seus membros Inconfidentes. O mais comum em histórias literárias é a classificação por períodos sem se considerar o meio social como modelar para os propósitos da poesia. O grande trunfo de **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (2014)**, cuja primeira data de publicação é de 1957, e a do texto “Os Ultramarinos”, de 1993, é dar visibilidade aos nossos poetas neoclássicos.

O que torna a primeira obra de fundamental importância é sua tentativa, em grande parte bem-sucedida, de pensar a literatura como sistema. O conceito de

sistema envolve, entre outras muitas variáveis, o estabelecimento de um ambiente poético. É, portanto, a possibilidade de “continuidade literária, - espécie de transmissão de tocha entre corredores, que assegura o movimento conjunto (...) É uma tradição, no sentido completo do termo...” (CANDIDO, 2014, p.26).

Ao que cabe a historiografia a descrição da formação do sistema literário abrange os anos de 1750-1880. O autor concebe, portanto, o século XVIII como parte formadora do sistema literário no Brasil. O Arcadismo entra como um dos momentos decisivos da formação de um ambiente literário na colônia. Até a metade do século XVIII o ambiente literário era pobre e rarefeito sendo a literatura um mero produto das atividades das classes dirigentes e da vida religiosa. Não havia, portanto, uma sistematização do produto literário como algo independente.

A maioria dos grêmios e celebrações não tinham a ver com poesia sendo mais produtos de uma cultura cultista e religiosa. Contudo, apesar do interesse díspar que as obras despertam, é por meio do grupo dos Renascidos que se começa a produzir obras de campos científicos diversos como a botânica, a zoologia, etnografia, história e geografia. Configura-se assim a mudança de foco deste ambiente literário de algo estritamente religioso para algo mais condizente com uma “produção intelectual”.

Muitos historiadores consideram essa “revoada e maus poetas e letrados pedantes” (CANDIDO, 2014, p.85) constitua de maneira efetiva o que caracteriza o nosso Arcadismo, não sendo mais que uma mera expressão de congregação. Os mais ilustres poetas deste período, embora de menor envergadura dos que os grandes nomes do romantismo, caem que como no olvido por não representarem nada mais que um atestado histórico desta época. Contudo, Antônio Candido dá valor historiográfico e literário aos melhores poetas da época: Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga.

É só a partir do Neoclassicismo, movimento distinto do Academicismo, que se rompe com a concepção de grêmios e celebrações com intuítos díspares para se concentrar em uma produção poética efetiva. A poesia árcade era uma resposta contra a poesia que a antecedeu sendo um esforço dos poetas tanto do Brasil como de Portugal em retomar a clareza da expressão literária.

Contudo, para além da concepção estética do movimento, é importante notar que a poesia, apresentando um código de imagens comum, era apresentada em salões com o intuito de comunicação entre seus membros e para a apreciação mútua entre os participantes. A poesia era norteadada por uma concepção de imitação por meio dos autores da antiguidade. Obviamente este sistema de produção não valeria muito se a natureza dos objetos compartilhados não houvesse mudado de algo local

e extremamente religioso para algo mais progressista e formal.

Conforme já exposto a tese formulada por Antônio Candido (2014) apresenta a ideia de que a literatura nacional se configurou como sistema com o advento do Neoclassicismo. A ideia de Antônio Candido teve repercussões em uma história da literatura escrita por um pensador com um posicionamento diverso do dele: José Guilherme Merquior. As elites letradas estavam em contato próximo com a cultura vinda da Europa. O isolamento da produção artística era norma até então nas letras brasileiras. (MERQUIOR, 2014, p.65). Ainda conforme José Guilherme Merquior (2014) a literatura brasileira teria alcançado seu primeiro momento ideologicamente articulado graças às trocas da elite brasileira com a Europa.

Em “Os Ultramarinos” já figurava a ideia original de que havia uma conjunção entre o momento da descoberta do ouro, o acesso das elites à educação europeia e uma vontade de libertação de Portugal e o seu controle fiscal infligido ao Brasil. Neste ensaio, conforme o próprio autor, ele tenta traçar um paralelo entre os poetas mineiros e sua atitude de inconformismo:

...pretendo (...) sugerir que sua posição intelectual e a relação entre eles configuram um modo de ser e de pensar que pode ser visto como caminho possível para atitudes de inconformismo em portanto, da Inconfidência. Na verdade, o assunto desta palestra poderia ser o seguinte: importância da sociabilidade dos autores e intelectuais em geral, tanto na criação quanto nas posições ideológicas. (CANDIDO, 2004, p.153).

O artigo se centra nos poetas mineiros que teriam sido relevantes no contexto nacional do século XVIII. A principal característica para um grupo coeso é a articulação e coerência dos membros. Além disso, eles “formam um conjunto impressionante” e “representam uma vida literária articulada com força suficiente para dar nascimento a uma tradição que influiu nas gerações posteriores.” (CANDIDO, 2004, p.153-4).

Destas considerações iniciais fica postulado que o Arcadismo não é um mero movimento de transição e sem importância no âmbito social e, em segundo lugar, que a marca deles é uma marca historiográfica e não apenas documental. Ou melhor, que eles conseguiram trazer um legado para a produção poética do país sendo, portanto, desta maneira poetas que tenham um valor maior do que apenas como curiosidade histórica.

O principal impacto do movimento na formação da literatura brasileira decorrente do movimento neoclássico apontado neste artigo, e que serve como base para algumas leituras esclarecedoras de certos artistas do período, é uma vontade de se integrar ao panorama europeu. O impulso inicial, fortemente motivado por aspectos econômicos da política Portuguesa de controle sob a colônia impactou diretamente

no nosso pensamento. Os poetas da colônia, nos dizeres de Antônio Candido (2014), queriam fazer parte da cultura da qual os colonizadores eram integrantes.

O modelo utilizado pelo Classicismo favorecia bastante a consciência da alta cultura e da referência europeia sendo a imitação dos clássicos – presente no nosso Arcadismo -, uma ponte entre a nossa cultura e a padronização com o resto da Europa. Deste modo pela prática de uma literatura em conformidade com o modelo Europeu, dava-se voz ao desejo de se equiparar com o colonizador. Não só a vontade, mas o próprio modelo de agremiação e a participação da comunidade árcade dava status permitindo-se assim fazer parte da Europa culta. Este processo levaria à autoconsciência.

As comunidades árcades eram locais onde havia bastante “democracia” e mesmo membros das camadas sociais mais baixas poderiam ser reconhecidos como poetas. Por outro lado, a presença de figuras ilustres como D. João V figurando como membro efetivo da arcádia dava visibilidade e status à condição de poeta árcade. Era um poderoso ritual de iniciação e incorporação cultural.

Apesar da insurgência de 1789 não ter afetado Cláudio Manuel da Costa, que estava com aproximadamente 60 anos na época, e, portanto velho demais para ter sido parte integrante da Inconfidência mineira, sua poesia apresentava traços de uma consciência nativa nascente. Há presente em boa parte de sua poesia, como notava Antônio Candido e Sérgio Buarque de Holanda, uma vontade de constituição de uma tradição poética para o Brasil.

É comum, conforme sua educação, que o tema da constituição de uma tradição poética para o Brasil, recorrente em sua poesia, seja abordado por meio de certas imagens que comparam a riqueza da tradição portuguesa e a barbárie a que fica sujeito o poeta da colônia. A ocupação destas imagens é um esforço poético de Claudio Manuel da Costa em virtude de constituir condições ao ambiente inóspito à cultura da colônia. Este esforço realiza-se por meio de imagens da beleza mais comprovada pela tradição europeia. Em Fábula do Ribeirão do Carmo ele faz a seguinte comparação:

Competir, não pretendo
Contigo, ó cristalino
Tejo, que mansamente vais correndo
Meu ingrato destino
Me nega a prateada majestade,
Que os muros banha da maior cidade.
(COSTA, Cláudio Manuel da, 2013, p. 233).

Em termos gerais faz-se uma comparação entre o rio do Tejo “calmo e cristalino” e o rio brasileiro “banhado em pálidas areias”. A imagem do rio português limpo e cristalino retoma um mote da tradição poética portuguesa. Há um grande paradoxo entre a superfície da produção poética de Claudio Manuel da Costa que por ser um “despatriado em sua própria terra” tenha feito uma poesia que seria produto, ao menos se interpretado desta maneira, de um deslumbrado com a cultura europeia.

O poema apresenta óbvio impacto no modo de se relacionar com a tradição da metrópole e da produção poética brasileira. Não é só Claudio que apresenta esta reclamação quanto ao estado da produção poética daqui, havendo declarações similares de outros poetas. Acontece que a poesia de Claudio apesar de mostrar os traços da Europa culta apresenta uma tensão bem marcada entre sentimentos ligados à terra natal e uma busca por uma poesia expressiva por meio da tradição Europeia.

A imagem que representa bem o desejo de encontrar um alicerce é a rocha presente em seus poemas. Ela representa o alicerce/ligação do poeta à terra natal como ponto basilar de seus anos de criança e adolescente. (CANDIDO, 2014, p.88) Vejamos um trecho de um poema dele para verificação a exploração feita desta imagem tão importante para a poética de Cláudio Manuel da Costa:

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nossa musa: oh quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza.
(Soneto XCVIII)

É o próprio Antônio Candido (2014) que diz sobre este poema, cujo cenário são montes e vales -, contrastando com a tradição poética do Bucolismo mais tradicional -, que a imaginação não se distanciava da terra natal. (p.89). O aspecto profundo que o liga à terra natal figura nesta alteração de cenário pastoral para algo próximo à sua realidade geográfica. A importância deste poeta é de marca maior na produção posterior do século XVIII levando sua influência à Tomás Antônio Gonzaga cuja poesia foi lida e “corrigida” por seu mestre Claudio.

Destes dados (esparcos) sugere-se um cenário não tão adverso ao pensamento e à cultura. Apesar de não haver propriamente uma consciência nacional, no sentido atribuído à nação, criava-se uma consciência, por parte destes letrados, de uma capacidade humana e intelectual em paridade com os europeus. Sendo assim, portanto, uma forma de poesia que não só atesta, como anteriormente referido sua validade como documento, mas como expressão poética na historiografia da literatura brasileira.

NOTAS

¹ Mestrando do Departamento de Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. E-mail: pdcenturion@hotmail.com.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Arcádia e Ilustração. *História Concisa da Literatura Brasileira*, Cultrix, São Paulo: 1999. p.53-87.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, Editora Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro: 2014.

_____. "Os 'Ultramarinos'" *In: Vários Escritos*, Editora Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro: 2004. p. 153-65.

COSTA, Cláudio Manuel da, 1729-89. *Obras*. Organizado por Ivan Teixeira. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2013. p.223-34

COUTINHO, Afrânio, *Introdução à literatura no Brasil*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 120-38.

JOSÉ GONÇALVES, Aguinaldo. "O classicismo na literatura europeia" *IN: O Classicismo*, São Paulo: Perspectiva, 2012. p.115-38.

MASSAUD, Moisés, *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo, Cultrix: 2007.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*, São Paulo: É Realizações, 2014. p.64-95

ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, J. "Romantismo e Classicismo" *In: O Romantismo*, São Paulo, Perspectiva: 2008. p.261-74